

Peter e o Segredo da Guerra Árábica – Parte 1



Era um dia chuvoso, mas não um dia chuvoso qualquer. Era um dia escuro, frio, tenebroso e chuvoso. A chuva caía tão forte sobre o telhado dando impressão que a qualquer momento o teto iria desabar. O vento soprava nas árvores fazendo-as balançar de um lado para outro, folhas caíam interruptamente. As janelas mesmo que trancadas se debatiam contra a fechadura, contudo ainda se ouvia o uuuuuuuuuuu que parecia mais um uivado de lobos que o som da ventania.

Peter estava tremendo embaixo da cama, toda vez que ouvia um trovão ele saltava com susto e batia sua cabeça contra as ripas que sustentavam a cama. Estava com tanto medo que se aparece alguém àquela hora provavelmente surtaria. Era um menino miudinho, com cabelos lisos castanhos escuros que escorriam sobre seus ombros, seus olhos tinham um tom de castanho avermelhado e sua pele era branco como leite. Peter era simplesmente uma gracinha para as meninas de todas as idades. Apesar disso, seu maior companheiro era o Black, seu cachorro pastor alemão preto. Viviam em uma casa rústica de madeira, subindo as escadas estavam o quarto de Peter e o quarto de sua mãe. A mãe de Peter se chamava Isadora, no entanto, todos a chamavam somente de Dora (a pedido dela mesma). Dora tinha cabelos lisos e pretos que atingiam a metade das costas. Seus olhos, ao contrário de Peter, eram verdes. Um verde musgo intenso, fazendo lembrar as folhas da floresta. Sua pele branca como a de Peter, com um detalhe, era destacada por suas poucas sardas. Era considerada a mulher mais linda da cidade (a cidade é pequeníssima), seu corpo esbelto e sua postura ereta eram de causar inveja a olhos de outras mocinhas.

A chuva não parecia que daria trégua tão cedo, Peter estava começando a ficar com fome, mas não tinha coragem nem sequer de olhar para o que poderia ter no outro lado da porta. Black estava deitado próximo a ele, com suas patas dianteiras abaixo de sua cabeça. Suas orelhas bem erguidas, prestando atenção em cada ruído que ouvia. A cada tleck que fazia do som da madeira sendo estralada, o cachorro instantaneamente erguia a cabeça e o menino se assustava. Após duas horas de intensos

sustos e batidas de cabeça, o tempo começa a se acalmar. Aliviado, Peter suspira e nisso ouve alguém bater na porta da frente que abre para sala. Não sabia se deveria ir atender ou não.

Permaneceu intacto onde estava, iria aguardar o indivíduo se cansar e ir embora. As batidas, porém não paravam, ouviram-se três batidas, logo, mais três, em seguidas mais batidas, sendo estas mais fortes ainda. Então pensou consigo mesmo, a próxima batida iria lá ver quem era. Seus ouvidos extremamente aguçados para ouvir mais uma batida, porém não a houve. Black saiu correndo disparadamente em direção à porta da sala. Peter correu até a porta de seu quarto e observou-o descendo as escadas de madeira, por pouco não bate o focinho no assoalho. Black brecou diante a porta e começou a latir, seu latido não era como se visse alguém desconhecido.

Era sem dúvida, um som de profundo desespero. Peter não sabia o que fazer, estava terrivelmente abalado e não conseguia imaginar o que poderia estar acontecendo para o cão agir daquela forma. Olhou para o relógio, faltavam ainda uma hora e meia para sua mãe voltar do trabalho, sentiu-se com a obrigação de averiguar o acontecido. Foi até a escada, deu mais uma espiada para ver se via algo ali embaixo, mas nada de anormal. Lentamente, deu um passo para alcançar o encosto e assim que seu pé atingiu o último degrau da escada, a escada rangeu estrondosamente que o menino acabou por tropeçar com o susto e rolar a escada a baixo.

Acordou se sentindo meio grogue, sem saber ao certo o que lhe havia acontecido. Em um ato impulsivo, colocou sua mão direita sobre a cabeça e percebeu que ali havia um enorme galo. Tentou sentar-se, porém na hora de levantar muitos fios de cabelos ficaram enroscados entre a madeira e o fez gemer de dor. Puxou-os vagarosamente acabando-os por arrancar alguns. Olhou para seus pés, estavam perfeitos. Olhou para suas pernas, aparentemente estavam sem nenhuma lesão.

Observou cuidadosamente seu tronco, tudo ok. Ao virar seus olhos para os braços, notou que estava com pequenos hematomas roxos. Arrastou-se até a parede e se escorou. Aos poucos foi se recordando... Tivera uma grande tempestade, logo alguém bateu na porta da sala, Black desceu e começou a latir e Peter caiu na escada. Nesse momento Peter se deu conta do desaparecimento do Black, aonde pudera estar que não estava mais ali perto da porta? Berrou pelo nome do cão, nada aconteceu. Berrou novamente mais alto e ainda nenhum sinal do Black. Um arrepio atravessou-lhe a espinha, olhou novamente para o relógio e viu que ainda faltavam quarenta e cinco minutos para sua mãe voltar. Agarrou-se junto ao apóio da escada e pôs-se de pé. Caminhou até a

porta para ver se via Black pelas redondezas. Abriu a porta, deu um passo em direção a rua e olhou atentamente para todos os lados. Havia muitos galhos caídos no quintal, uma placa de rua foi parar na frente do portão da garagem, as flores foram devastadas, tinha sujeira e folhas em todos os cantos, a água suja escorria pela rua e uma mancha vermelha borrava a calçada. Peter correu até a mancha vermelha para identificar se era de Black, se abaixou e analisou minuciosamente cada detalhe dela. Seu coração se acelerou e sem mais poder pensar apenas colocou a cabeça entre as mãos e desabou a chorar. Suas lágrimas de dor traçavam caminhos em sua face, sua respiração estava ofegante e logo já soluçava mais do que respirava.

O vento soprava mais suave, fazendo seus cabelos se alvoroçarem para todos os sentidos. Sentou-se ali mesmo e abraçou suas pernas com os braços, colocando sua cabeça sobre o joelho. Começou a pensar no que poderia ter acontecido com seu companheiro, se ele por acaso estaria sofrendo muito, ou pior, se estaria ainda vivo... Seus pensamentos foram se tornando em ódio e a única coisa que lhe vinha a mente era encontrar o responsável pela barbaridade feita e fazê-lo pagar por seus atos. A vingança fazia-o esquecer de seu tamanho, de seus temores e de seus valores. Suas virtudes foram esquecidas pela raiva que o tomou. Decidiu que encontraria Black antes que fosse a última coisa que fizesse ainda vivo e iria se vingar do cara que havia feito-o sofrer.

Levantou-se e caminhou para entrar novamente na casa, ao chegar na varanda notou que havia um pequeno envelope de cor preta com bordas pratas, estava em cima do vaso de barro com lindos brotos de cravo. Pegou o envelope e sem perder mais nenhum minuto do seu tempo rasgou-o e tirou a mensagem do interior. O papel da carta era de cor bege, com uma textura firme e escrita com uma caneta de ponta super fina na cor preta. A caligrafia era perfeita, desenhada nos mínimos detalhes. Peter começou a ler:

Caro Peter,

é uma pena que eu tenha que ter seqüestrado seu cão para que possamos nos comunicar. Não sei o motivo pelo qual estás me evitando a tanto tempo. Espero que pelo menos desta forma possamos nos encontrar e finalmente trocar algumas palavras.

Assinado: Tom Hopkins

PS: Seu cachorro ainda sobrevive, encontre-me na estação às 15h30minh.

- Tom Hopkins, eu nunca ouvi falar desse cara, que absurdo. Esse cara deve ser um louco!! Não lembro ninguém que queira ter falado comigo, tenho falado com todos que me procuraram.

O rosto de Peter começou a ficar vermelho de raiva, nada disso fazia sentido e não havia motivo para raptarem o Black. Ergueu o envelope perto de suas vistas para verificar se havia algum endereço ou alguma pista. Nada... Somente seu próprio nome: Peter. Silenciosamente caiu uma única lágrima de seus olhos. Seu olhar vazio não focava mais nada ao redor. Perdido em pensamentos melancólicos, tentava somente arranjar algum sentido para tudo isso.